



Cadernos de História da Educação, v.23, p.1-5, e2024-22, 2024
ISSN: 1982-7806 (on-line)

<https://doi.org/10.14393/che-v23-e2024-22>

RESENHAS

O ensino secundário brasileiro nas décadas de 1950 e 1960: a experiência das classes experimentais

Brazilian secondary education in the 1950s and 1960s:
the experience of experimental classes

La enseñanza secundaria brasileña en los años 50 y 60:
la experiencia de las clases experimentales

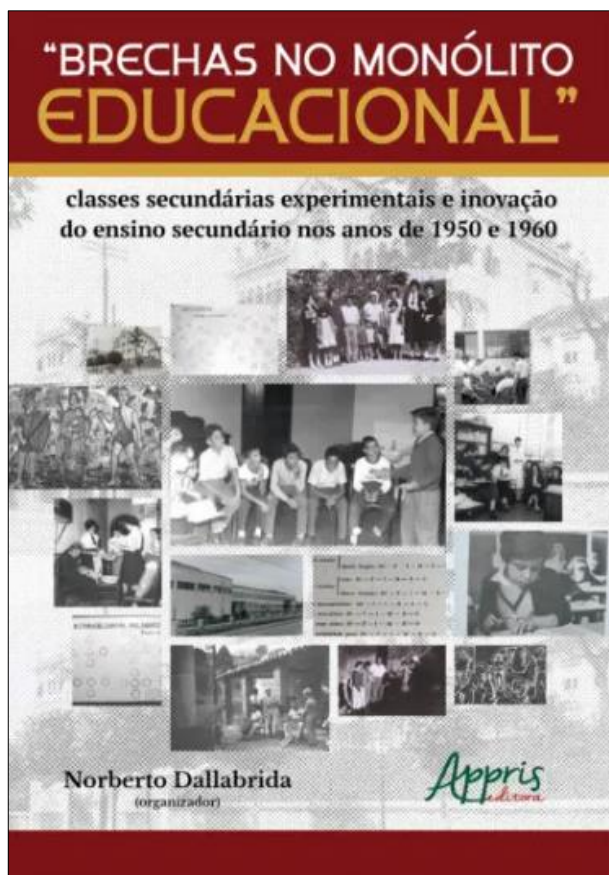
André Luís Oliveira

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Triângulo Mineiro (Brasil)

<https://orcid.org/0009-0004-9698-8638>

<https://lattes.cnpq.br/5082894070039959>

andreoliveira@iftm.edu.br



DALLABRIDA, Norberto (Org.). *“Brechas no monólito educacional”*. Classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos de 1950 e 1960”. Curitiba: Appris, 2023. 402p.

Recebido: 11/09/2023

Aprovado: 20/10/2023

O livro “*Brechas no monólito educacional*”: *classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos de 1950 e 1960*, organizado por Norberto Dallabrida é composto por prefácio, capítulo introdutório e 17 capítulos com estudos relacionados à implementação das classes secundárias experimentais em diversas localidades do Brasil.

A reflexão sobre a implementação das classes experimentais secundárias, que tomaram as *classes nouvelles* por modelo, é o objeto central da obra que, de modo geral, é permeada por temas como currículo, metodologias e didáticas inovadoras que lançavam mão de recursos como teatro, seções de cinema e literatura, educação musical, desenho, seminários, trabalhos com olaria, pintura e datilografia. Práticas esportivas como voleibol, basquetebol, futebol, ginástica, esgrima e balé. Além da infraestrutura diferenciada, se comparadas as demais escolas e classes.

Temas como liberdade pedagógica, ensino em tempo integral, flexibilização curricular, métodos ativos e inovação são abordados por Rosa Fátima de Souza-Chaloba no prefácio.

O capítulo introdutório, nomeado *Ensino secundário Bossa-Nova*, capta com felicidade a euforia do momento histórico, também definido de anos dourados. De autoria de Norberto Dallabrida, descortina o período balizado pelos demais estudos, contextualizando fatos históricos que marcaram o curso democrático, compreendido entre o fim do Estado Novo (1945) e o início da ditadura militar de 1964.

Surgimento das classes experimentais secundárias em instituições públicas de ensino do Estado de São Paulo (1951-1962), escrito por Letícia Vieira, evidencia a ressonância da conjuntura francesa nas Classes Secundárias Experimentais em São Paulo. Vieira, salienta o protagonismo de Luís Contier, diretor do Instituto Estadual Alberto Conte e ligado ao *Centre International d'Études Pédagogiques*. Contier introduziu no Instituto conceitos das *classes nouvelles*. A trajetória para se chegar a autorização oficial do ensino experimental no Brasil e as principais características das classes experimentais, voltadas para aplicação de novos métodos e currículo diferenciado é exposta em detalhes. Essas classes contavam com professores especialmente credenciados e existiram em número reduzido, visando assegurar o resultado da experiência. Refletindo sobre a ação de Contier, Vieira lança mão do conceito de apropriação tática, de Michel de Certeau, uma vez que Contier adaptou a estrutura das *classes nouvelles* a condição brasileira, marcada por restrição legal e escassez de recursos. Seu trabalho, não obstante, ganhou visibilidade e as operações táticas tornaram-se estratégias na emersão de práticas vinculadas ao método ativo. Destarte, o Instituto foi a primeira escola a implementar, ainda que extraoficialmente, as classes experimentais.

O capítulo “*Um embrião de laboratório de pedagogia*”: *as classes integrais do colégio estadual do Paraná no contexto das inovações pedagógicas no ensino secundário (1960-1967)*, de Sérgio Roberto Chaves Júnior analisa as classes integrais em Curitiba/PR. Implementadas para ano letivo de 1960, ocuparam lugar de destaque no ensino paranaense e vivenciaram dois polos, um marcado pela conservação e outro pela mudança. Quanto a conservação, destaque para a manutenção de tradições como práticas ligadas ao processo seletivo. Sobre as mudanças, buscou-se articular o ensino das disciplinas e simplificar programas, além da existência de disciplinas optativas. Três unidades curriculares são discriminadas em profundidade, Geografia, História e Educação Física. Atividades como visitas pedagógicas a instituições assistenciais, políticas e culturais são explicitadas. Na unidade curricular de Educação Física a escola destoava, em sua condição *sui generis*, uma vez que era dotada de estádio de futebol, piscinas, vestiários, ginásio para a prática de ginástica, basquetebol e voleibol. Existem registros de preocupações com hábitos de higiene, nutrição e orientações sobre sexualidade. O espírito científico experimental da proposta pedagógica foi evidenciado na metáfora: *embrião de laboratório de pedagogia*.

No título *Tempo passado, tempo presente: memórias das alunas da classe secundária experimental do colégio Pio XII (Porto Alegre/RS, 1962-1968)*, Maria Helena Camara Bastos e Dóris Bittencout Almeida, apresentam um trabalho no qual se rememora a experiência das alunas da classe experimental do Colégio Pio XII (turma de 1962). Destaque para o fato das estudantes terem dado sequência a vida acadêmica por meio do ingresso em universidades. Muitas alcançaram titulação de pós-graduadas (mestrado e doutorado). As *classes nouvelles*, também serviram de modelo para as classes experimentais de Porto Alegre/RS.

Sob o título *Serviço de orientação educacional do Colégio de Aplicação da UFRGS: parte integrante das classes secundárias experimentais (1959-1968)*, Juliana Tapanotti dos Santos de Mello apresenta o contexto de inovação da educação brasileira, no período. Tomando o Colégio de Aplicação da UFRGS como objeto de estudo, a pesquisa apresenta três inovações trazidas pelos colégios secundários experimentais. Sendo elas: conselhos de classe (CS), Serviço de Orientação Educacional (SOE) e as atribuições do SOE, dentre elas a aplicação de testes psicológicos. Testes aplicados pelo SOE que aconteciam nos exames de admissão e no início de cada ano letivo, com o objetivo de analisar o perfil intelectual e emocional dos estudantes. Visava a formação de turmas “homogêneas”, em consonância com a mentalidade da época. Quanto aos CS, formados por professores e integrantes do SOE, a autora pontua que foram introduzidos no Brasil no final da década de 1950 e atuavam na classificação e no acompanhamento dos estudantes, bem como na produção de pareceres a serem enviados aos discentes e seus familiares.

Em, *O Colégio Estadual André Maurois e o ensino escolar de francês: um olhar sobre a experiência do audiovisual (1965-1971)*, Patrícia Coelho e Daniel Vilaça, refletem sobre a aplicação do ensino de francês nas classes secundárias experimentais do colégio. Os autores apontam duas bases que compunham a estrutura pedagógica, o Serviço de Orientação Educativa e a Seção de Orientação Pedagógica. Essa última, formada por cinco departamentos, era responsável por estratégias que permitiam a flexibilização curricular e a diversificação do programa. Destarte, a estrutura pedagógica favoreceu a realização de experiências educativas como aulas de Ciências na praia da Urca, criação de um jornal pelos estudantes, grupo de teatro, palestras e, em “parceria com a Fundação Oswaldo Cruz, foi feita uma experiência sobre o impacto das drogas em camundongos” (p. 137). Entre tantos fazeres pedagógicos exitosos, salientamos o método inovador do ensino de francês, que contava com suporte de laboratórios próprios e com o auxílio de audiovisual para o ensino da língua.

O capítulo *Classes experimentais no Colégio Estadual de Uberlândia 1959-1961*, de autoria de Fernanda Barros e Lucas Lino da Silva, ilustra, em sua primeira parte, os decretos e portarias governamentais que caracterizaram o período democrático iniciado com a queda de Vargas (1945). Posteriormente ponderam a respeito da antiga Uberabinha (Uberlândia) e do Colégio Estadual de Uberlândia que, segundo eles, foi o único em Minas Gerais a receber classes experimentais (CE), que eram divididas por sexo. O modelo francês das *classes nouvelles* foi seguido. Os autores chamam atenção para o reduzido número de estudantes que compunham as CE no início da experiência, eles representavam 3% num universo de 1011 alunos.

No capítulo intitulado *As classes experimentais no Ceará: contribuições inovadoras de Lauro de Oliveira Lima para o ensino secundário brasileiro*, José Wagner de Almeida e Maria Juraci Maia Cavalcante, destacam o protagonismo e a atuação política do educador cearense Lauro de Oliveira Lima, que teve sua trajetória marcada pelo trabalho em prol da inovação do ensino secundário. Os autores ilustram a influência de Jean Piaget, sobre Lima e salientam o desenvolvimento de seu método psicogenético, formulado a partir das ideias do suíço.

Em *O caráter experimental do Colégio Nova Friburgo da Fundação Getúlio Vargas captado a partir da matéria institucional da revista Curriculum*, Paulo Silva Machado Bispo dos Santos verifica as ações educacionais do Colégio Nova Friburgo, utilizando a *Revista Curriculum* como fonte. Assentado no paradigma da História Cultural, o autor expõe os objetivos do periódico e suas características físicas, como largura, comprimento, número de edições, páginas e conselho editorial. Em um estudo quantitativo e qualitativo foi identificado “que a maior incidência de artigos no periódico foi a dos que versavam sobre Didática” (p. 200).

Sob o título *A classe secundária experimental do Ginásio de aplicação da Universidade do Recife: indícios de uma prática pedagógica inovadora*, Walna Patrícia de Oliveira Andrade e Joaquim Tavares da Conceição, evidenciam a implementação da classe experimental no Ginásio de Aplicação da Universidade do Recife (GAUR). Mediante a alegação de lacunas na existência de documentação, os autores apresentam um texto rico na exploração das fontes primárias encontradas. Fontes interpretadas à luz de Carlo Ginzburg e da História Cultural embasaram a análise da relação ente o colégio de aplicação, regulamentado a partir da Faculdade de Filosofia, e a instalação de uma classe experimental. O Diário Pernambucano forneceu informações acerca da criação do GAUR, em 10/03/1958, no espírito pedagógico da época. A última parte do trabalho, ancorado em relatos memorialísticos dos professores, estampa um fazer pedagógico no qual os estudantes contavam com o apoio do Serviço de Orientação Educacional e acesso a experiências pedagógicas inovadoras.

Em *Uma cultura escolar capiana: o CAP da UFRJ nas memórias de alunos e professores (1959-1966)*, Patrícia Coelho e Daniel Vilaça, apresentam uma abordagem alicerçada na história oral digital, formada por relatos de ex-alunos e professores do Colégio de Aplicação da UFRJ que, segundo os autores, foi o primeiro do gênero a ser instituído no Brasil. A partir dos relatos, foi construído um estudo que delineou as práticas escolares do colégio. Estampando a importância da cultura escolar como objeto de análise, o capítulo pontua práticas, padrão de qualidade e espaços de uma instituição que foi lugar de formação de fração intelectual da elite carioca.

No capítulo denominado *Classes secundárias experimentais do Ginásio Brasileiro de Almeida: Aspectos inovadores da cultura escolar*, Marlene Machado de Azevedo Maia, por meio de relatórios técnicos do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), analisa a implementação da classe secundária experimental no Ginásio Brasileiro de Almeida, instituição mista de cunho privado, localizada em Ipanema (Zona Sul do RJ), que por essas condições se destinava a uma parcela específica da população. O capítulo, permeado pela cultura escolar, aborda temas como inclusão e exclusão, organização do tempo escolar, currículo e metodologia. Destacamos o fato de as unidades de ensino de Geografia, História e Ciências Naturais terem sido reunidas em uma, denominada de Ciências Sócio naturais.

O capítulo intitulado *Representações da circulação da pedagogia personalizada e comunitária nas semanas pedagógicas*, de autoria de Cristina Aparecida Mendes Makowiecki, exprime a experiência de renovação na perspectiva do catolicismo. A fonte do estudo é a formação de professores oferecida pela Associação de Educação Católica (AEC), modelo educacional imbuído da pedagogia comunitária, que teve no jesuíta Pierre Faure sua principal referência. A autora faz uma retomada histórica refletindo dilemas educacionais dos anos 20 e 30, como disseminação de escolas, alfabetização do povo e urgência de uma política educacional laica, pública e de qualidade para todos. Nos anos de 1950 as preocupações estavam votadas para o desenvolvimento econômico, erradicação da pobreza, geração de emprego e escolarização das massas, na perspectiva retórica de um fazer escolar em que os alunos tenham maior protagonismo. Foi nessa conjuntura que deu-se o IV Congresso Internacional de Educação Católica (RJ, 1951), que reforçou a necessidade da formação de professores e “ampliação de escolas confessionais católicas como resposta ao crescente movimento de laicização do ensino e da proliferação de escolas protestantes” (p. 266). Os colégios Sacré Couer (RJ) e Sion (SP) são citados por terem recebidos as Semanas Pedagógicas

de 1955 e 1956, onde Faure apresentou propostas pedagógicas de Montessori e Lubienska. A cultura escolar do Colégio Sion também ganhou destaque.

O pioneirismo da pedagogia personalizada e comunitária no ensino secundário brasileiro, de Norberto Dallabrida, Mauro Castilho Gonçalves e Fernanda Gomes Vieira, analisa três educandários católicos situados nos colégios Santa Cruz, *Notre-Dame des Oiseaux* e *Sion*. O capítulo caracteriza a Pedagogia Personalista e Comunitária e o intenso trabalho educativo do jesuíta Pierre Faure, cuja base teórica incluía, dentre outras, Montessori, Lubienska e o *Ratio Studiorum*. Segundo os autores, Faure, fez uso seletivo do movimento escolanovista. A reflexão examina detalhadamente a experiência das classes experimentais, pontuando número e perfil de estudantes, espaços físicos, tempo escolar, forma de ingresso e metodologia. Destacam-se, no Colégio Santa Cruz, o ensino pela pesquisa e o acesso dos estudantes a uma biblioteca com 7.000 mil obras; no *Des Oiseaux*, a organização programática sem horário fixo e no Colégio Sion, segundo depoimento da Irmã Maria Luiza (ex-coordenadora), o uso da pedagogia de Faure na qual a característica era de “os alunos não ficarem parados escutando o professor, mas assumindo, trabalhando, pesquisando” (p. 300).

No capítulo intitulado *O Colégio Teresiano e o ensino personalizado da matemática*, Patrícia Coelho apresenta a experiência do ensino de matemática no Colégio de Aplicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na perspectiva do ensino personalizado e comunitário, que estruturaria no aluno capacidade criadora, abstração e rigor lógico. A “construção dos conceitos deveria estar baseada em dois elementos: a intuição e o rigor lógico” (p. 313). Chamou atenção a utilização de variados artefatos para a construção de conceitos lógicos, por exemplo, o uso de uma mesa e uma folha de papel para levar o discente a experimentar a possibilidade de materializar a infinitude de um plano.

Em *As classes experimentais de Socorro: um marco na inovação do ensino secundário público no estado São Paulo*, Letícia Vieira expõe, na parte inicial, o histórico da constituição das classes experimentais no Instituto de Educação Narciso Pieroni, em Socorro/SP, fato que sofreu resistência do corpo docente e de pais. A pesquisadora focaliza o espírito democrático, a formação humanística e crítica do modelo pedagógico que permitiu aos educandos trabalhos em grupos e contato direto com a realidade. Destaque para a atividade que levou estudantes à Vila João Conti, para levantamento da produção artesanal do local, para o estudo de *Os Sertões*, o uso de sociogramas e outros recursos para atividades coletivas.

No último capítulo, intitulado *Conexões entre classes secundárias experimentais e os ginásios vocacionais (década de 1950 e 1960, Brasil)*, Daniel Ferraz Ciozzini, Yomara Feitosa Caetano de Oliveira Fagionato, Sandra Machado Lamardi Marques e Bartira Mannini, sinalizam para uma continuidade de análises, uma vez que discorrem sobre nexos entre as classes secundárias e os ginásios vocacionais que vigoraram entre 1961 e 1970.

Podemos definir “*Brechas no monólito educacional*”: *classes secundárias experimentais e inovação do ensino secundário nos anos de 1950 e 1960*, como um relevante trabalho dado que reflete, dentre outros um tema atual, uma vez que o Estado brasileiro está em vias de implementar a reforma do ensino médio. Caracterizada por ações exitosas, a experiência das classes secundárias experimentais teve existência breve e, como muitas do gênero ocorridas na história da educação no Brasil, essa tentativa de melhorar a qualidade da educação sofreu com a descontinuidade. Contudo, trata-se de uma experiência que deixou marcas, como a importância da infraestrutura, a valorização da didática e de práticas voltadas para melhorias no processo de ensino-aprendizado, como os conselhos de classe e visitas pedagógicas. Por fim, salientamos que abra é leitura necessária para quem deseja entender melhor a história da educação no Brasil e as tentativas de melhorias do ensino nacional.